

Revista Latinoamericana de Estudios sobre Cuerpos, Emociones y Sociedad.  
Nº5. Año 3. Abril-julio de 2011. Argentina. ISSN: 1852-8759-. pp. 6-14.

## Luto e Sociedade no Brasil do final do século XX. O imaginário sobre a morte, o morrer, a dor e a perda na cidade de João Pessoa, Paraíba, Brasil

*Mourning and Society in Brazil of the late twentieth century.  
The imaginary about death, dying, grief and loss  
in the city of Joao Pessoa, Paraiba, Brazil*

**Mauro Guilherme Pinheiro Koury\***

Universidade Federal da Paraíba. Grupo de Pesquisa em Antropologia e Sociologia das Emoções. Brasil.

[grem@cchla.ufpb.br](mailto:grem@cchla.ufpb.br)

### Resumo

Este artigo tem por objetivo a compreensão das apreensões imaginárias sobre as noções de perda, e de dor, da morte e do morrer entre os habitantes da cidade de João Pessoa, capital do estado brasileiro da Paraíba. O que se espera é a apreensão das formas societárias contidas no imaginário dos informantes sobre o processo de morte e o processo de perda enquanto significados socialmente esperados de conduta e de valores frente a esses processos.

**Palavras chave:** trabalho de Luto, sofrimento e dor, morte e morrer

### Abstract

This article aims to understand the imaginary apprehensions about the notions of loss and grief, death and dying among the inhabitants of the city of João Pessoa, capital of the Brazilian state of Paraíba. The expectation is the apprehension of institutional and social forms contained in the minds of the informants about the process of death and on the process of loss and pain as the meanings of behavior and cultural values expected for such processes.

**Keywords:** mourning, suffering and pain; death and to die

---

\* Professor do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal da Paraíba, Brasil. Coordenador do GREM –Grupo de Pesquisa em Antropologia e Sociologia das Emoções– e Coordenador do GREI –Grupo Interdisciplinar de Estudos em Imagem– ambos da mesma universidade.

## Luto e Sociedade no Brasil do final do século XX. O imaginário sobre a morte, o morrer, a dor e a perda na cidade de João Pessoa, Paraíba, Brasil

Este artigo, de caráter eminentemente descritivo, busca compreender as conformações imaginárias dos indivíduos sobre luto e sociedade no Brasil. Tem a cidade de João Pessoa, capital do estado da Paraíba, Brasil, como lócus de observação e análise, a partir das definições elaboradas por seus moradores e das comparações e abstrações entre diversas categorias analíticas a eles apresentadas. Estas categorias que agora se passa a analisar dizem respeito às noções de perda, dor, morte e morrer e das relações entre elas.

Neste artigo se trabalha, apenas, com um conjunto de dados de uma pesquisa maior sobre *Luto e Sociedade no Brasil*, desenvolvida nas vinte e sete capitais de estados brasileiros, entre os anos de 1970 a 2000 (Koury, 2003, 2005, 2008 e 2009), e o seu objetivo é o de inferir o tratamento imaginário em relação ao luto e a dor da perda por parte da população local, não objetivando, deste modo, uma seleção entre aqueles que vivenciaram o trabalho do luto dos que apenas o intuem, mas sem ainda o terem vivenciado.

Todos os entrevistados, independentemente de terem ou não vivenciado um processo de morte ou de perda de pessoas próximas foram solicitados a definirem e compararem as noções e perda, de dor, de morte, de morrer, e de luto. O que se espera é a compreensão das formas societárias existentes no imaginário dos informantes sobre o processo de morte e o processo de perda enquanto definições, e enquanto significados socialmente esperados de conduta e de valores frente a esses processos.<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Os questionários aqui trabalhados foram aplicados a qualquer indivíduo, aleatoriamente selecionado, que se colocasse à disposição para respondê-los, independente da sua vivência ou não do luto por perda de um ente querido. Foram aplicados 79 questionários na cidade de João Pessoa: 31 com indivíduos do sexo masculino e 48 com indivíduos do sexo feminino, com idades entre quinze a mais de sessenta anos. Os entrevistados com idade entre 15 a 25 anos acusam 37.98% do total da amostra, e os situados entre 26 a 39 anos representam, por sua vez, 25.32% da amostra total. Os entrevistados entre as idades de 40 a 59 anos, perfazem 20.25% do total da amostra, e para os de 60 anos ou mais, 16.45% da amostra total.

Esta distribuição por faixa etária corresponde à distribuição etária da população total da cidade de João Pessoa.

Os entrevistados se distribuem entre 53.16% de solteiros e 45.57% de casados, viúvos, separados e divorciados, do total pesquisado. Apenas um entrevistado (1.27% da amostra total), não especificou seu estado civil. Em relação ao grau de escolaridade, dois entrevistados, (2.53% do total da amostra), não responderam a questão. 41.77% cursaram o terceiro grau, e destes, 6.33% possuem cursos pós-graduados. 29.11% chegaram a cursar o segundo grau, 11.39% chegaram a cursar o primeiro grau, e 15.20% do conjunto dos entrevistados são analfabetos. É interessante notar que existe uma distorção entre o nível de escolaridade dos entrevistados e o nível de escolaridade existente na cidade de João Pessoa como um todo. Este fato pode ser analisado através da hipótese de uma maior rejeição por parte dos indivíduos com menor renda e menor escolaridade, em responder uma pesquisa onde o enfoque seja a dor e o luto. O que indica uma maior abertura e aceitação, em contrapartida, entre os situados nas faixas de renda média e alta da população e entre os de maior nível de escolaridade. Para corroborar com a hipótese levantada acima, as classes de renda familiar situam-se, prioritariamente, entre as faixas de renda média e alta. Os entrevistados situados nestas classes de renda perfazem um total de 53.17% do conjunto dos entrevistados: 12,66% para os da faixa alta, e 40.51% do total entrevistado entre os situados entre a faixa média e média baixa. A classe de renda considerada baixa na pesquisa configura 31.65% do total dos questionários aplicados, e 15.18% da amostra não responderam sobre a renda familiar. A pesquisa considera como classe de renda baixa os entrevistados com renda situada entre 01 a 05 salários mínimos. Como classe de renda média baixa, os com renda entre 06 a 10 salários mínimos. Os de classe de renda média foram considerados os situados com renda entre 11 a 20 salários mínimos. Os de classe de renda alta, os que possuíam uma renda igual ou superior a 21 salários mínimos. Os dados sobre renda familiar obtidos na pesquisa, apesar da distorção aparente com a população total da cidade de João Pessoa, de uma forma geral, correspondem com o *status* singular da cidade. Cidade eminentemente administrativa, - apesar do seu crescimento desordenado nos últimos trinta anos, aumentando o número de excluídos sociais em favelas e núcleos habitacionais desordenados que proliferam por toda a urbe, - João Pessoa ainda reflete um ar de cidade onde as classes de nível de renda médias têm um peso relativo sobre o conjunto populacional (Lima e Medeiros, 1990). Os dados observados através da renda familiar dos entrevistados são referendados, por sua vez, pela distribuição profissional dos informantes: 24.05% dos entrevistados são estudantes, 21.51% são profissionais liberais, professores e militares, contra 20.25% dos trabalhadores de nível médio. Os profissionais em profissão de trabalho braçal (capinadores, carroceiros, coletores de papel, entre outros), formam 12.66% do total da amostra, e 3.80% estavam, no momento de realização da pesquisa, desempregados. Aposentados ou pensionistas acusam 10.13% dos entrevistados, e

Neste artigo se tentará compreender, de forma descritiva, as conformações imaginárias dos indivíduos que se dispuseram a responder este questionário, na cidade de João Pessoa, a partir das definições por eles elaboradas e das comparações e abstrações entre diversas categorias analíticas a elas apresentadas. Estas categorias que agora se passa a analisar dizem respeito às noções acima assinadas e das relações entre elas.

### **Definição de Perda**

Solicitados a definir o que entendiam por perda, a maior parte dos 79 entrevistados, 88.61%, se situaram em respostas aparentemente semelhantes, definindo o sentimento de perda como desaparecimento (34.18%); como ausência (34.18%); como dano (16.46%); ou como um sentimento que implica em uma perda de si (3.79%). Os demais não

---

3.80% se disseram donas de casa; 3.80% dos entrevistados não responderam sobre a profissão exercida no momento da aplicação dos questionários. Este artigo, contudo, analisa as respostas dos setenta e nove informantes de forma homogênea, não se preocupando, a não ser de forma circunstancial, em diferenciá-los por sexo, renda, estado civil, idade, e outros. A análise aqui desenvolvida parte de um conjunto de dados quantitativos, mas visa uma leitura qualitativa e compreensiva dos mesmos, de uma forma homogênea, enquanto coletividade indiferenciada. Os resultados estatísticos servem como ponto de partida para traçar um perfil sobre o imaginário João Pessoaense do final do século XX sobre a vivência e os significados do luto e seus processos rituais. A análise aqui realizada não está interessada em diferenciar as atitudes e as imagens do e sobre o luto e o morrer pelos diversos segmentos sociais que compõem a cidade. Está mais preocupada em verificar os conceitos uniformizadores de práticas que persiste como imaginário da e na cidade sobre o processo de luto, e se debruçará, especificamente sobre: como pensam e definem o luto, a perda, a morte e o morrer; quais as atitudes comuns do homem comum às diversas vivências de cada processo; como se situam frente à tradição e a atualidade do processo; e sobre os preconceitos e rupturas na vivência da relação luto e sociedade, a partir das características individuais a dor da perda. Interessa na análise o sentimento comum, isto é, expresso pelo conjunto da coletividade, - vista como uma coletividade indiferenciada, - para, através dessa indiferenciação, traçar metas para aprofundamento e diferenciação dos seus conteúdos. É um teste sobre a significação e abrangência das respostas para a compreensão conceitual de uma situação limite: a perda e o luto advindos do desaparecimento de um ente querido. Este trabalho é um exercício abstrato, por fim, com base em dados empíricos uniformes, sobre uma situação comum e que aparentemente atinge a todos os indivíduos, independente do sexo, idade, escolaridade, nível de renda, e outros mais. Interessa a este artigo, portanto, observar um universo de informações comuns que permeiam imaginários sobre uma situação específica, em um lugar e em um tempo também específico: a cidade de João Pessoa no final dos anos noventa do século passado.

souberam definir a noção de perda (8.86%) proposta pela pesquisa, ou não responderam (2.53%).

Ao olhar mais de perto as diversas respostas imputadas como aparentemente semelhantes, pode-se ver que a semelhança é apenas residual. Na realidade parece tratar-se de dois grandes grupos de definições. O primeiro situa-se na definição de perda como ausência ou enquanto desaparecimento. O segundo, na definição de perda como dano ou como perda de si.

O primeiro grupo aparece com um total de 68.36% dos entrevistados, divididos em dois subgrupos de 34.18%. O segundo, menor, porém de importância equivalente, com um total de 20.25% dos informantes. Este segundo grupo de definições também divididos em dois subgrupos, de 16.46% e 3.79%, do total dos entrevistados.

As noções de perda como ausência ou como desaparecimento, constantes das definições dos dois subconjuntos do primeiro grupo de respostas, lida com o conceito de perda como diferenciais. Os que definem a perda enquanto ausência, por um lado, visualizam no afastamento físico ou moral do sujeito ou do objeto perdido o próprio sentimento do ato ou do efeito de perder algo ou alguém. O afastamento físico ou moral parece acarretar assim o sentimento de privação, seja este temporário ou permanente.

Diferente da perda por ausência, onde o sujeito ou o objeto é temporal ou espacialmente retirado da visão, da posse ou do domínio de quem a sofre, podendo ter caráter permanente ou não, a perda por desaparecimento parece provocar um sentimento no sujeito que a evoca de um processo de ruptura definitiva. Em um e no outro caso a tristeza parece acompanhar o processo. A sensação de fracasso na relação que se desfaz pela ausência ou pelo desaparecimento parecem provocar o mesmo afeto.

A definição de perda como desaparecimento, por outro lado, parece implicar para àqueles que assim responderam, em um conceito de perda que implica algo além do ficar temporalmente ou espacialmente privado de alguém ou de algo físico ou moral, que a noção de ausência permite suportar. A perda por desaparecimento revela assim um ato e um efeito de perder que implica em uma privação permanente de alguém ou de algo. Se o desaparecer implica necessariamente em uma ausência, esta privação revela um processo onde a impossibilidade de retorno do objeto ou do sujeito perdido se coloca como o eixo norteador de sua compreensão.

A perda por desaparecimento parece revelar para quem o sofre o sentido contido na expressão morrer, no ficar suspenso em dor, na perda de movimento que o findar provoca. O fim parece envolver a representação imaginária por trás da noção de perda por desaparecimento. Seja este fim civil, isto é, perda de todos os direitos e regalias, moral, ou seja, perda de todos os sentimentos de honra ou afeto, ou relacionado ao findar da vida, perda física.

O segundo grupo de definições representa a noção de perda como dano pessoal ou perda de si. Diferente do primeiro grupo de opiniões, este segundo parece evocar como significado de perda um afetar o destino pessoal de quem a sofre. A perda parece provocar neste conjunto de definições um sentimento de aniquilamento que leva o sujeito que a sofre a sentir-se privado de significações.

O processo de perda, nessa forma de entendimento, parece refletir não apenas a privação de alguém ou algo que se foi, mas também e principalmente, que esta privação provoca uma ausência ou um desaparecimento de si mesmo na perda ou como consequência direta dela. Uma marca em quem a sofre parece ser o significado inerente a esta definição de perda. O que permite compreendê-la como uma delimitação entre o eu antes e depois da privação.

Esta marca, esta delimitação do eu no antes e no depois da perda, parece inferir o destino pessoal de quem sofre uma perda e seus significados enquanto projeto de vida, à própria perda. O que ocasiona um vazio e uma falta de sentido à vida após a privação sentida.

Um óbice que se revela ou pode se revelar em ações anômicas, em desatinos, em não querer mais viver, em não mais encontrar liames que assegurem o seu relacionar-se com o mundo ao redor, com os outros. Já que o outro que espelhava e dava sentido ao seu ser no mundo desapareceu, ficando apenas a dor, o “algo ruim” revelado e impregnado no que ficou.

### **Definição de Morte**

Foi perguntado aos entrevistados sobre “o que é a morte para você?”. Dos setenta e nove informantes, 6.33% não souberam responder a questão, e 2.53% não a respondeu.

Dos que responderam, porém, 8.86% atribuíram à morte o significado de determinação da natureza. Nos seres vivos, humanos ou não, a morte

faz parte de um ciclo natural iniciando-se com o nascimento e prosseguindo com a maturação ou desenvolvimento e findando com a morte. A morte fazendo parte desta determinação orgânica, podendo originar ou ser reciclada em novas formas de vida ou não.

Semelhante a determinação da natureza, parece ser a noção de morte como o fim da existência que 27.85% dos informantes definiram. Em ambos, a existência parece necessariamente ter um fim. Diferente da primeira noção, porém, o fim da existência parece revelar não uma determinação orgânica de um ciclo natural, mas um fim da existência humana como instância societal e pessoal. Parece implicar em uma compreensão do processo de morte como um “morreu acabou-se”. Uma espécie de fatalidade que leva o sujeito que a reflete a visualizar a morte como um elemento que reflete a pouca importância dos indivíduos no mundo social. Tanta luta e tanto empenho para nada. A morte parece nesse caso refletir o *non sense* dos indivíduos para a sociedade, o fim da existência pessoal sendo nada mais do que a demonstração de um desatino individual ao processo de apego a estrutura de poder e de posições e status sociais. A morte sendo comum para todos, no final.

Em contraponto com a definição da morte como o fim da existência, 8.86% dos informantes a definiram como algo que não deveria acontecer. A morte é definida por sua negação. A não aceitação da morte como um elemento estruturador do significado da vida. Qual o sentido da vida se existe a morte? Parece ser a questão levantada por esta definição no imaginário dos entrevistados que a responderam.

Outra questão que parece também se encontrar na compreensão da morte através de sua negação é a necessidade da resposta humana de vida enquanto imortalidade. E nesse caso a morte parece remeter para um confronto entre dois elementos estruturais de um pensamento sobre o viver. De um lado, a existência da morte trás em si um significado intrínseco a falta de sentido da vida. A morte como o vazio que toda existência carrega, como fato inerente ao processo de viver. Por isso a necessidade de negar a morte como forma de negar o próprio vazio da existência e a falta de sentido da vida enquanto instância individual.

A existência da morte, por outro lado, trás também a inquietude do mistério. De um sentido oculto de vida além da vida. Uma crença sem prova, um dogma em que se acredita ou não. O que causa

insegurança, principalmente pela dor que provoca na separação de um corpo morto amado nos que ficam, e o desespero que provoca em não saber que se encontram além morte, em outro plano, tendo que lidar apenas com a presença constante da ausência que o corpo morto impõe. E com o lidar com a vida própria, pessoal, como uma destinação ao vazio como finalização. Por isso o negar a morte parece ser preciso, para esses entrevistados, como uma consequência necessária à vida, ao (bem) viver.

O que remete a definição de morte de outros 13.92% dos informantes. Estes definiram a morte como um mistério, como uma mudança inexplicável ao processo de vida. Como os que negam a morte, estes também a pensam através do mistério que essa mudança orgânica conduz.

A morte não pode ser entendida logicamente pelos vivos a não ser na representação de uma mudança de qualidade no fato da vida. Enquanto crença possível na imortalidade dos seres humanos como uma mudança inexplicável à vida a que todos têm de conformar-se, ou como um mistério a ser aceito.

Por fim, 31.65% dos informantes definem a morte como uma transição. Como uma passagem para outra vida. Para estes, a morte é entendida como um momento de transição para uma nova vida. Permeada pela crença religiosa, essa definição se assenta em categorias de fé, onde a imortalidade da alma individual, e a qualidade da vida depois da morte, podem ser entendidas e até buscadas como sinônimo de salvação.

A vida terrena tem o sentido aqui de uma passagem para purificação do corpo. É na morte que existe de fato o nascimento para a vida eterna.

### **Definição de Morrer**

Uma comparação entre o imaginário sobre o que é a morte e sobre o processo de morrer se faz, aqui, importante. Na definição de morrer quando comparada a de morte permite algumas novidades conceituais.

A primeira delas é o encarar o morrer como um processo como o fez 6.34% dos entrevistados. Definir o morrer como um processo é imputar ao conceito de vida uma morte em acontecendo. A morte na realidade parece não acontecer apenas no momento do fim pessoal de alguém ou algo. Ela se dá desde o nascimento. O processo de desenvolvi-

mento da vida é uma seqüência contínua do ato de morrer: a morte se dá a todo o instante como um fato inerente à vida em si.

Por outro lado tem-se a definição do morrer como deixar de existir, entre 35.44% dos entrevistados, e como fim do ciclo biológico, entre 2.53% deles. Nos dois casos, o morrer é encarado como o fim de um processo, biológico ou de existência. Porém a ênfase dada, diferente da resposta de morrer como um processo, não se encontra no processo, mas na finalização. Como final do ciclo da vida, ou como um terrível mero deixar de existir.

É interessante ver aqui que na definição de morrer como deixar de existir, a ênfase é na ausência ou no desaparecimento do corpo, como uma consequência aparentemente natural de fim de um ciclo. Diferente da noção de fim da existência, nomeada na definição de morte. Nesta, a morte parece trazer em si uma conotação de inquietação sobre o sentido da vida individual enquanto instância social. Um estranhamento do indivíduo no mundo social, e seu relacionamento com a sociedade e com os outros indivíduos sociais.

Parece trazer uma carga pessoal de inquietude ao fato da vida individual e societária, a partir da significação da morte como um simples fim da existência. Diferente da noção de deixar de existir, na definição do morrer, onde uma aparente impessoalidade e distância entre o indivíduo que a produz enquanto conceito e o ato que ela provoca, enquanto concretude do morrer parece existir e permeiar o conjunto da definição.

O morrer é encarado de uma distância tão grande que o ato de deixar de existir definido parece não passar de mera racionalização, sem afetação na vida cotidiana dos indivíduos que a propuseram enquanto definição.

Configura-se, porém, como uma marca entre os informantes de João Pessoa a noção do morrer como passagem: 27.85% dos entrevistados imputam a noção de passagem a compreensão do ato de morrer. O que parece afirmar um percentual elevado de informantes que qualificam a morte como um momento necessário à vida, não como uma negação, mas como elemento estrutural definidor de uma nova vida, da vida eterna. Crença baseada em códigos religiosos.

A religião parece ser ainda um elemento estruturado das relações pessoais da vida individual e da relação vida e morte entre os informantes. Uma

instância pessoalizada de grande importância a conformação social e pessoal dos entrevistados.

### **Definição de Dor**

Foi solicitada a totalidade dos informantes que dessem uma definição para a categoria dor. Um grande percentual, 13.92% dos entrevistados disseram não saber definir a palavra dor, enquanto 6.33% deles não responderam a solicitação. Dos demais, 6.33% definiram a noção de dor pela diferença entre a dor orgânica, física, e a dor da perda, eminentemente psíquica. Apesar de alguns acharem que a dor da perda pode ter reflexos no organismo, fisicamente, ao ser somatizada, suas respostas evidenciaram os dois tipos de dor como categorias distintas.

Outro conjunto de entrevistados, 6.33% do total, definiram a dor como um sentimento advindo da rejeição. O sentir-se humilhado, rejeitado, deslocado do espaço público e do outro referencial provoca uma sensação de dor. Dor que pode provocar segundo outro grupo de informantes, 15.19% do total, um mal estar, “*um sufoco*”, ou “*um aperto no coração*”. Evidências físicas de uma dor provocada por emoções intensas.

Um terceiro grupo, apesar de pequeno, composto de 2.53% do total dos informantes, não pode ser negligenciado, sendo bastante significativo para a análise que ora se empreende, define dor enquanto mensagem. Como uma expressão física de algo a ser revelado ou que foi negligenciado e precisa ser retomado como projeto de vida. A mensagem que a dor transmite é uma mensagem de ou para uma retomada da fé.

A necessidade de uma crença em um projeto societário, ideológico ou religioso, sobretudo este último, de amplitude mais geral que o espaço individual de realização do sujeito, parece ser o elemento principal evidenciado pelo discurso de dor enquanto mensagem. O que parece denotar uma nova busca de esperança na vida através da dor. A dor como mensageira da esperança, do fim do desequilíbrio, do fim da solidão e da tristeza, por ela provocada. A dor, enfim, como um novo mapeamento do sujeito que a sofre e que ajuda na reorganização da sua vida via práticas institucionais pessoalizadas.

A maior parte dos entrevistados, porém, 49.37% do total, definiram a noção de dor através

do sentimento de sofrimento. Dor para eles expressa o sofrer, e o sofrimento orgânico e mental parece ser eminentemente pessoal, de cunho individual, do sujeito que sofre. O homem assim é uma espécie de animal condenado a sofrer.

Esta idéia de sofrimento é uma idéia eminentemente judaico-cristã (Kristeva, 1988). Uma das tradições formadoras do imaginário ocidental moderno.

A idéia de sofrimento, assim, parece comportar em si toda a experiência humana de privação. Privação entendida aqui enquanto um elemento preliminar e indispensável à identificação como o objeto ideal perdido em algum tempo e em algum lugar. Objeto ideal impossível de ser encontrado, mas, que se persegue tenazmente, a cada nova dor que provoca novo sofrimento, nova privação para uma nova identificação para uma nova busca, uma nova dor, uma nova privação, e assim por diante.

O sofrimento provocado pela dor causada pela falta do outro ou de algo idealizado, deste modo, é o desdobramento indispensável da satisfação presumida (Koury, 1999). O sofrimento seria, assim, o caminho indispensável para o reencontro do si mesmo como refazer-se a vida através do ensinamento que a dor do sofrimento provoca, servindo de estímulo ao ser que a sofre para reiniciar uma nova busca, para continuar a viver. Nova busca esta, sempre dolorosa e sempre prazerosa, enquanto novo ensinamento, novo refazer, e o novo desejo, enquanto privação e reinício de uma nova busca.

### **Comparações entre perda e dor**

É interessante notar que 86.07% dos entrevistados responderam afirmativamente a questão da existência de uma relação entre dor e perda. Um grupo bem menor dos informantes, 10.13%, respondeu negativamente a questão. Apenas 2.53% deles não souberam responder, e 1.27% não respondeu a solicitação proposta. O que em certa medida corresponde ao já disposto nas tabelas acima analisadas, sobre as definições propostas pelos entrevistados as noções de perda e de dor.

Dos sessenta e oito entrevistados que afirmaram haver algum tipo de relação entre as duas categorias, 7.35% deles disseram não saber responder qual o tipo de relação existente, apesar de acharem haver algum tipo de relação entre dor e perda. Um entrevistado não respondeu sobre que ou qual relação existe.

Um número significativo dos entrevistados, 61.76%, afirmou que a dor é uma conseqüência da perda. Nesse sentido, parece estabelecer para o conceito dor uma relação direta com a noção de perda, através de uma subordinação da dor à perda. Ela é conseqüência. Não tem vida autônoma, por si, a não ser quando provocada. Sua existência parece assim necessitar de uma provocação a ela exterior e que a inaugura enquanto complemento.

Se utilizarmos, mesmo que de forma forçada, Bachelard (1990), diremos que a dor é o reverso da perda, está em seu interior, e se revela como o embrião contido na semente, como provocação de sua intimidade. Qualquer que seja a perda a dor vem como uma revelação da ausência, temporária ou não do objeto ou do ente que partiu.

Por outro lado, 16.18%, apesar de concordar com o enunciado da dor enquanto conseqüência da perda estipula diferenças de intensidade da dor se a perda for de objetos ou coisas da perda de entes queridos. Apesar de a dor existir e vir à tona a cada perda, de qualquer tipo e significado pessoal que possa ser estabelecido, a sua intensidade é dada ou é produto da qualidade da perda, se for por pessoas, parece ser a dor mais eficaz e mais forte.

Já 13.24% dos informantes revelaram que a dor se revela quando a perda é eterna. Quando a ausência se torna definitiva. A dor assim parece não significar o reverso de qualquer perda. Mas da perda definitiva. É deste modo, uma marca que o ser humano que a sentiu se vê obrigado a carregar, como um fardo para todo o sempre.

Em todas as três categorizações de respostas, parece haver um sentido cristão imanente nos enunciados da relação entre dor e perda, que deverá ser explorado com mais vagar no decorrer da pesquisa. É necessário ter presente esse fato da origem judaico-cristã contida no imaginário da formação do homem brasileiro, e verificar como se estrutura essa relação imaginária no cotidiano organizacional do luto no processo de individualização do homem urbano contemporâneo.

### Comparações entre Perda e Morte

Outra questão apresentada aos informantes diz respeito à existência de uma relação entre perda e morte. Dos 79 informantes, 81.01% responderam haver uma relação entre perda e morte, contra 18.99% que responderam negativamente a questão formulada.

Dos que responderam afirmativamente a questão, 64 entrevistados, 15.62% quando perguntados qual a relação existente entre perda e morte disseram não saber responder ou simplesmente não responderam. 7.81% deles, porém, apesar de terem respondido afirmativamente, disseram que existem outras perdas que não tem relação com a morte. Dão para a morte, assim, o caráter aparente de uma perda irrecuperável, e levantando a hipótese de perdas temporárias outras que, se caracterizam como ausência ou distância objetual esta ausência ou distância é ou pode ainda ser recuperável.

Porém, 9.38%, por outro lado, afirmam a existência da relação entre perda e morte como um desencontro temporário, sempre. Parecem assim negar a morte como um desencontro definitivo, embora a separação seja dolorosa, a morte não é o fim. A relação pareceria assim estar presente no desencontro, que apesar de temporário, sempre, é também sempre sofrido e triste. Embora, com o conforto da eternidade e da possibilidade do reencontro futuro do *ente querido que se foi*, após a morte de quem fica. Uma relação religiosa, presente nas significações cristãs do imaginário do legado europeu que deu origem ao homem brasileiro.

A resposta de 17.19% dos entrevistados indicou uma igualdade na intensidade dos sentimentos presentes na perda de qualquer tipo e na morte física. Para eles morte e perda é aparentemente a mesma coisa. Uma relação direta é assim atribuída aos dois conceitos através da igualdade de significados e atributos a quem sofre qualquer um deles. Toda perda provoca morte ou mortes e toda morte é perda.

O indivíduo humano parece, assim, para esses entrevistados, viver um contínuo de perdas ou mortes, - já que ambos os conceitos parecem ter o mesmo peso e significados enquanto valor, para eles. Viver é morrer um pouco a cada dia, diz um adágio popular, que parece dar sentido e síntese a essa expressão de igualdade conceitual apresentada pelos entrevistados à relação entre perda e morte. É importante verificar e aprofundar os caminhos imaginários da relação existente entre os informantes João Pessoaense, e os significados cristãos embutidos na expressão. O indivíduo apesar de ter a responsabilidade pelo seu destino, esse destino enquanto viver é sempre morte, é sempre o morrer um pouco a cada dia.

Interessante, porém, é perceber que 50% dos informantes responderam que a relação está na impossibilidade do reencontro. Da morte com fim

da existência. A morte assim sempre parece apresentar uma perda definitiva, enquanto significado anunciado ao ser que fica.

A não aparente crença em outra forma de encontro em outra vida ou nessa mesma vida, através da ressurreição, por exemplo, leva a enxergar a relação perda e morte como algo definitivo e absoluto. Todos os homens estão a ela sujeitos, dela não se pode escapar, e o significado da vida parece ser assim, para esses entrevistados, saber conviver com essa marca insuportável que é a separação final pela morte. A perda definitiva, já enunciada desde o nascimento de um indivíduo qualquer, desde a própria vida, que racionalmente não parece ter explicação, e para a qual o indivíduo nunca está preparado, mas a qual se subordina enquanto conformação. Nos diversos significados do termo, possíveis.

Quinze entrevistados responderam não haver qualquer relação entre perda e morte. Cinco deles, ou seja, 33.33%, disseram, porém, não saber responder por que não há relação entre os dois conceitos, ou simplesmente não responderam quando perguntados por que não existe, na visão deles, tal relação.

Dos dez restantes, ou seja, 66.67%, 40% deles responderam que o conceito de perda é mais amplo do que o de morte. E que pode haver perdas sem que haja necessariamente morte. Os 26.67% restantes afirmaram que o conceito de perda é sempre relacionado a algo ou alguém que tem um desaparecimento temporário. A perda implica assim em algo recuperável. A morte, pelo contrário, representa o fim de um processo, a sua irrecuperabilidade irreduzível. Essa irrecuperabilidade deve ser aprofundada nas suas possíveis significações compreensiva sobre o processo de formação de uma individualidade do homem brasileiro contemporâneo, ficar atento ao conceito e como ele se apresenta em outras questões.

### **Comparações entre Dor e Morte**

Foi proposto também aos entrevistados fazer uma relação entre as noções de dor e de morte. A Tabela 10 indica que 88.61% dos 79 entrevistados afirmaram haver algum tipo de relação entre os dois conceitos, contra 11.39% que afirmaram não haver qualquer tipo de relação. Apenas um entrevistado, 1.26% da amostra, respondeu não saber responder a questão proposta.

Foi perguntado aos 88.61% que responderam afirmativamente a questão da existência de

uma relação entre dor e morte, correspondente a 70 entrevistados, qual a relação que existia entre os dois conceitos. Destes 70 entrevistados, 78.57% responderam que a morte causa dor em quem fica. Seja pela ausência do que se foi, seja pela falta de contato dos que ficam com o ente querido morto.

A causa morte, assim, trás como consequência a dor enquanto emoção subordinada à provocação do morrer. Esta questão, talvez possa ser lida junto com as anteriores relações, através de Bachelard. É interessante também ver as análises contidas na coletânea *Souffrances* (Kaenel, 1994) sobre as semelhanças e diferenças entre os conceitos de dor e sofrimento. Podem ajudar a aprofundar a análise.

Existe na opinião de dez dos setenta entrevistados que responderam a questão, porém, a dor causada não pela morte em si, mas pela não aceitação de sua existência. A extinção da vida, provocada pela morte, a separação inexorável com os que ficam, causa uma espécie de dor indignada pela fragilidade da vida e pelo aparente *non sense* do viver.

Embora esse sentimento apareça sempre provocado pela morte de alguém próximo, quando o indivíduo que fica se pergunta por que comigo, e se coloca como injustiçado frente aos demais e inferiorizado perante a vida que provocou tal separação absurda. Investigar melhor o alcance desse tipo de informação com a individualização e a individuação enquanto processos sociais. Verificar também se a que tipo de perfil esse tipo de individuação indignada apresenta, entre os entrevistados.

### **Conclusão**

Este artigo teve por finalidade investigar os tipos de respostas que lidam com conceitos aproximativos e relacionados com o processo de luto, como os de perda, dor, morte e morrer. Buscou também verificar as relações que os entrevistados faziam entre eles.

Esse tipo de busca compreensiva tem importância para a averiguação das formas consolidadas ou em mutações dos processos mentais que dão sentido e forma ao imaginário dos indivíduos na contemporaneidade de João Pessoa. Através de formas conceituais extraídas dos entrevistados pode-se averiguar como os homens se conformam enquanto pensamento e enquanto tensão frente a noções de valor moral individual e coletivamente pensadas, em um tempo e em um espaço específico.

## . Bibliografía

ALVARADO, L. (1994) "Matilde Montoya: primera médica mexicana" en: *Revista Ciencia y Desarrollo*, septiembre-octubre, pp. 70-73.

BACHELARD, Gastón. (1990). *A terra e os devaneios do repouso: ensaio sobre as imagens da intimidad;*. São Paulo: Martins Fontes.

KAENEL, Jean-Marie von, (Org.). (1994). *Souffrances. Corps et âme, épreuves partagées*. Paris: Autrement.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. (1999). "A dor como objeto de pesquisa social"; *Ilha - Revista de Antropologia*, 01 (0): 73-84. ISSN 1517-35X

\_\_\_\_\_ (2003). *Sociologia da Emoção: O Brasil urbano sob a ótica do luto*; Petrópolis: Vozes.

\_\_\_\_\_ (2005). *Amor e Dor: Ensaio em antropologia simbólica*; Recife: Edições Bagaço.

\_\_\_\_\_ (2008). *De que João Pessoa tem medo? Uma abordagem em antropologia das emoções*. João Pessoa: Edufpb.

\_\_\_\_\_ (2009). "Uma breve análise sobre o sentimento de luto na cidade de João Pessoa, PB"; *RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, 08 (22): 94-132. <http://www.cchla.ufpb.br/rbse/Index.html>. ISSN 1676-8965.

KRISTEVA, Julia. (1988). *Histórias de Amor*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

### Citado.

KOURY, Mauro Guilherme (2011) "Luto e Sociedade no Brasil do final do século XX. O imaginário sobre a morte, o morrer, a dor e a perda na cidade de João Pessoa, Paraíba, Brasil" em: *Revista Latinoamericana de Estudios sobre Cuerpos, Emociones y Sociedad - RELACES*. Nº5. Año 3. Abril- Julio de 2011. Córdoba. ISSN: 1852.8759. pp. 6-14. Disponible en: <http://www.relaces.com.ar/index.php/relaces/article/view/119/71>

### Plazos.

Recibido: 12/01/2011. Aceptado: 22/03/2011.